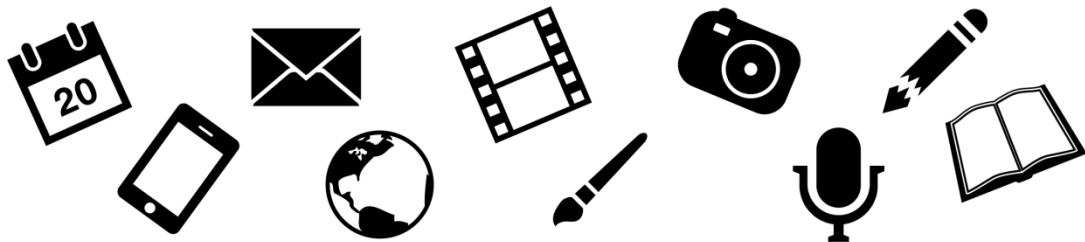




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

28 de janeiro de 2015

Notícias do Dia Esporte

“Futebol, um balcão de negócios”

Futebol / Rivalidades / Gecupom – Futebol / Grupo de Estudos em Cultura Popular e de Movimento / Vitral Latino-Americano de Educação Física, Esportes e Saúde da UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Lei Pelé / Espetacularização dos eventos esportivos / Professor da UFSC / Paulo do Canto Capela / Júlio César Couto de Souza / Professor da Univali / Clubes-Empresa / Capitalismo / Neoliberalismo / Globalização do futebol / Democratização do esporte



Vazio. Estádios vazios e público elitizado vitram a realidade do futebol

Futebol, um balcão de negócios

Mercado. Grupo estuda a globalização do esporte e seus impactos na relação dos torcedores com clubes

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
pc@noticiasodia.com.br
@pc_nd

Quando se fala em rivalidades no futebol, nem todos aceitam contemporizações. Há quem estude o esporte de forma crítica que não se vê, por exemplo, na CBF (Confederação Brasileira de Futebol), na imprensa e no senso comum. Criado em 2005, o Gecupom/Futebol (Grupo de Estudos em Cultura Popular e de Movimento), vinculado ao Vitral Latino-Americano de Educação Física, Esportes e Saúde da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), extrapola a análise do desempenho em campo e das questões físicas relacionadas ao esporte.

Os impactos da Lei Pelé, que transformou os clubes em empresas, o futebol como um grande balcão de negócios e a espetacularização dos eventos esportivos, voltados para um público de elite (vide a última Copa do Mundo), são assuntos estudados pelo grupo, que tem entre os coordenadores os professores Paulo do Canto Capela, da UFSC, e Júlio

César Couto de Souza, da Univali (Universidade do Vale do Itajaí).

O futebol é um território cada vez mais profissionalizado e uma atividade que envolve a indústria do lazer e do entretenimento, além do capital internacional. Por isso, não há interesse no fator local e nos mercados periféricos de consumo. “O futebol era a última possibilidade de lazer presencial da classe trabalhadora”, diz Capela. Hoje, o conceito é outro. Num país como o Brasil, onde 72% das pessoas recebem até cinco salários mínimos, levar gente aos estádios é o que menos importa.

As distorções não param por aí. Fala-se nos ganhos milionários dos jogadores, mas esse universo representa 1% do mercado – a maioria dos atletas, vinculados aos clubes pequenos e sem divisão, ganha até um salário mínimo. “Os clubes-empresas se colocam dentro da distribuição internacional do trabalho, que atende aos interesses do capitalismo e do neoliberalismo”, afirma. Por esta razão, ele é radical: “Santa Catarina tem quatro clubes na Série A não foi uma coisa decidida em campo”.

Por uma reforma ampla no esporte

Os professores Paulo e Júlio César não fazem uma análise do futebol catarinense sem relacioná-lo ao que acontece fora do Estado e do país. Se de um lado há incremento da performance, de outro os atletas não têm voz e o presidente da Federação Catarinense de Futebol, Delfim de Pádua Peixoto, é o mais antigo dirigente no cargo entre todas as entidades congêneres no Brasil. Com raras exceções, os estádios perderam público e os clubes sem calendário praticamente fecham as portas em boa parte do ano. “É preciso alargar as bases da cultura e do esporte

em todo o Estado”, diz Paulo Capela.

Por causa da globalização do futebol, os professores acompanham os movimentos pela democratização do esporte e as mudanças na preparação física e nos esquemas táticos dos times.

Com base no que observam no dia a dia, defendem uma mudança nas estruturas do futebol que alcance também os pequenos clubes. “Foram gastos R\$ 28 bilhões na Copa do Mundo, mas com R\$ 7 bilhões se poderia fazer uma grande reforma que beneficiasse todos os envolvidos”, ressalta Paulo Capela.

Dirigentes irracionais e atletas em situação desumana

Paulo Capela e Júlio Couto de Souza aliam os estudos e as atividades acadêmicas ao trabalho junto a clubes como Rio Grande e São Paulo (RS), além do Luverdense (MT), Juventude, Grêmio e Brasil de Pelotas, associados a colegas da área, e por isso trazem a experiência de quem responde pela gestão esportiva. Eles são extremamente críticos não só em relação à administração do futebol no Brasil, envolvendo dirigentes perdedores e cartolas que se perpetuam no comando das federações, mas também as negociações e aos calendários, que transformam os atletas em mão de obra

extensiva e superexplorada. “Os jogadores são seres humanos, mas enfrentam condições inumanas no esporte”, diz Júlio de Souza. Por isso a dificuldade em reduzir de 76 para 46 o número de partidas por ano, um dos pleitos do Bom Senso F. C.

O professor também aponta problemas como a violência física e simbólica, a falta de participação dos atletas nas decisões do setor e a ruptura entre o futebol associativo e o futebol empresa. “Antes, os dirigentes se doavam, os estádios eram circulares e recebiam mais de 100 mil pessoas”, lembra o colega Paulo Capela.

Notícias do Dia
Alessandra Ogeda
"Recuperação de polo..."

Polo calçadista / São João Batista / Pós-Graduação em Economia / UFSC / Fapesc / Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina

Recuperação de polo...
O diagnóstico das dificuldades enfrentadas pelo polo calçadista de São João Batista nos últimos anos e o seu potencial de recuperação foram foco de um estudo de pesquisadores da pós-graduação em economia da UFSC com apoio da Fapesc (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina). Durante sete meses, o grupo avaliou as empresas do setor na região e comparou o polo catarinense com o gaúcho. Entre as conclusões está a de que o polo do Vale dos Sinos tem um nível de organização institucional melhor do que o de São João Batista.

Diário Catarinense
Estela Benetti

“Estudantes da UFSC criam startup”

Sistema Podshare / Condomínio Empresarial Inaitec / Cidade Pedra Branca / Palhoça / Startup / Oito universitários / UFSC / Sinapse de inovação / Podcar / Carro elétrico nacional / Podcicle / Locação de bicicletas/ Thiago Boldrini/ Rodrigo Magri / Ivor Braga / Guilherme Nakayama / Brener Martins/ Pedro Ivo Rodrigues / André Carvalho



Estudantes da UFSC criam startup

O lançamento do sistema Podshare de carro compartilhado para o condomínio empresarial Inaitec, ontem, na Cidade Pedra Branca, em Palhoça marca a estreia, também, de um projeto de startup de oito universitários da UFSC. O projeto foi incluído no Sinapse da Inovação e teve muitas horas de desenvolvimento até a

abertura do negócio que prevê mais a Podcar (um carro elétrico nacional) e a Podcicle (para locação de bicicletas). Os sócios são Thiago Boldrini (E), Rodrigo Magri, Ivor Braga, Guilherme Nakayama, Brener Martins e Pedro Ivo Rodrigues. André Carvalho (D), sócio de outra startup, fornece o GPS para a Podshare.

Diário Catarinense
Sua Vida
"Chave do carro compartilhada"

Mobilidade urbana / Uso coletivo de veículo / Pedra Branca / Palhoça / Incubadora / Excesso de carros / Compartilhamento de modais / Meio de transporte / Startup / Podshare / Inaitec / Instituto de Apoio à Inovação e Tecnologia do Continente

MOBILIDADE URBANA | RODAS INTELIGENTES

Chave do carro compartilhada

EMPRESA DE TECNOLOGIA lançou ontem projeto para o uso coletivo de veículos na Pedra Branca, em Palhoça. Serviço começou com um carro e vai atender os funcionários da incubadora de negócios que existe no bairro

HYURY POTTER
hyury.potter@diario.com.br

O excesso de carros nas ruas é o principal inimigo da mobilidade em grandes cidades. Para resolver esse quebra-cabeça urbano, diversas ações de compartilhamento de modais foram criadas e desenvolvidas nos últimos anos. Uma em especial começou a conquistar o Brasil recentemente: o uso coletivo de carros. A primeira experiência catarinense estreou ontem, no condomínio Pedra Branca, em Palhoça.

A nova proposta de meio de transporte é uma parceria da administração do condomínio com a startup Podshare. Por enquanto, o serviço irá atender apenas trabalhadores do Instituto de Apoio à Inovação e Tecnologia do Continente (Inaitec), incubadora de empresas da Pedra Branca.

PROJETO FOI INSPIRADO EM VIAGENS AO EXTERIOR

Inspirados em experiências colhidas em viagens para o exterior, os estudantes e sócios da Podshare, Rodrigo Magri e Brenner Martins, começaram a pensar em um projeto que pudesse ser implantado em Santa Catarina.

– O modelo de compartilhamento francês é um dos mais conhecidos. Nele, você pode pegar o carro em um ponto e deixar em outro, como ocorre com bicicletas, por exemplo. Aqui temos uma limitação com relação a segurança pública, então tivemos que desenvolver um serviço próprio – explica Rodrigo Magri.

O projeto de compartilhamento de carros é o primeiro da Podshare, startup incubada há um ano no Inaitec, onde o sistema deve funcionar por enquanto. Com um veículo, ele será utilizado inicialmente apenas por pessoas que trabalham no edifício.

– Temos 30 empresas de tecnologia incubadas no Inaitec e essa iniciativa do carro compartilhado faz parte de um projeto da Pedra Branca em desenvolver alternativas sustentáveis de transporte – conta Renato Ramos, Gerente de Negócios da Pedra Branca.



COMO FUNCIONA

O compartilhamento de veículos começou ainda nos anos 1980, na Europa. No entanto, apenas na década seguinte, ganhou força e se profissionalizou, principalmente na Suíça e na Alemanha. Entenda como vai funcionar o projeto da Podshare.

PASSO 1

■ O usuário precisa acessar o site da Podshare e fazer um credenciamento para receber um cartão. Site: www.podshare.com.br.

PASSO 2

■ Uma mensalidade de R\$ 80 será cobrada para cada participante. Por enquanto, o Podshare não está cobrando mensalidade dos usuários do Inaitec.

PASSO 3

■ Além da mensalidade, para utilizar o serviço, o cliente terá que pagar R\$ 18 por hora de utilização do carro, um modelo Gol 1.0, ano 2014.

PASSO 4

■ Com o cartão, o usuário pode agendar a hora que pretende utilizar o carro. Para cada hora utilizada, uma taxa de R\$18 será cobrada. Esse valor inclui a gasolina e o seguro do veículo.

PASSO 5

■ O cartão magnético permite que o usuário abra a porta do veículo. As chaves estão na ignição.

PASSO 6

■ Após o uso, o carro deve ser deixado no mesmo local onde foi retirado, em frente ao edifício Inaitec, na avenida das Águias, 231, Pedra Branca, Palhoça.

Brenner Martins é um dos sócios à frente da startup

Modelo pede nova cultura do brasileiro

Para a arquiteta da área de mobilidade do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (Ippuc), Luisiana Paganelli Silva, que pesquisa o serviço de compartilhamento de carros, a forma como o brasileiro utiliza o veículo particular deve mudar para que esse tipo de iniciativa funcione:

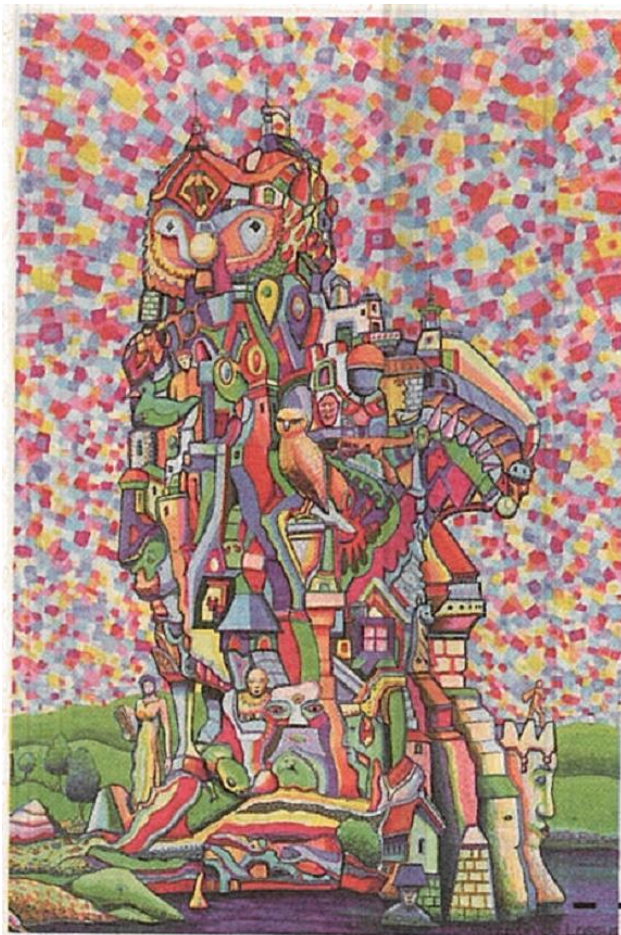
– O compartilhamento deixa claro a diferença entre uso e posse. O brasileiro ainda vê o carro como sinal de status social e isso precisa mudar. Além disso, outros modais e propostas devem ser implantados. Se isso não ocorrer, esse tipo de uso coletivo só vai fazer a pessoa que não tinha acesso a carro passar a ter. Ou seja, mais veículos nas ruas.

Diário Catarinense

Fabiano Moraes

“Talento francês em Florianópolis”

Jurerê Internacional / Desenhos / Jurerê Open Shopping / Pintor / Augustin de Lassus / Design Gráfico / UFSC



Reprodução da obra
Castelo Coruja

REPRODUÇÃO

Talento francês em Florianópolis

Dica para quem passar por Jurerê Internacional: dar uma olhada nos desenhos que decoram os portais do Jurerê Open Shopping. São trabalhos do pintor francês Augustin de Lassus, 30 anos. Autodidata, é formado em Design Gráfico pela UFSC e afirma se inspirar na Europa medieval para desenhar castelos de formas e cores vibrantes. E está fazendo sucesso. O saxofonista e clarinetista cubano Paquito D’Rivera decora sua casa em Nova York, nos EUA, com uma das telas do artista. Jeferson Della Rocca, maestro da Camerata Florianópolis, também já encomendou o seu.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.